



## **PARADIGMA: UM DIÁLOGO ENTRE THOMAS KUHN E MICHEL FOUCAULT NA PERSPECTIVA DE GIORGIO AGAMBEN**

*Evandro Pontel<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A presente reflexão visa abordar a compreensão de paradigma em Thomas Kuhn em diálogo com Michel Foucault por um viés agambeniano. Para tal, inicialmente pretendemos situar brevemente a proposta teórica de Thomas Kuhn e sua importância para a ciência. No que segue em uma perspectiva de interlocução, desenvolveremos uma leitura da categoria paradigma com a finalidade de explicitar possíveis analogias, distinções, entre os referidos pensadores, peculiaridades existentes nas formulações. Por fim, buscaremos assinalar a importância dessa releitura, por se tratar de um eixo operador na fundamentação das ciências.

**Palavras-chave:** Paradigma. Ciência. Thomas Kuhn. Michel Foucault. Giorgio Agamben.

## **PARADIGM: A DIALOGUE BETWEEN THOMAS S. KUHN AND MICHEL FOUCAULT IN THE PERSPECTIVE OF GIORGIO AGAMBEN**

**ABSTRACT:** This study aims to approach the understanding of paradigm in Thomas Kuhn's dialogue with Michel Foucault with an *Agambenian* view. To this end, initially I intend to briefly establish the theoretical proposal of Thomas Kuhn and its importance for science. As follows from the perspective of dialogue, a reading paradigm category will be developed in order to clarify possible analogies, distinctions among these thinkers and peculiarities in existing formulations. Finally, I will seek to emphasize the importance of this rereading, due to it being a cornerstone of the fundamentals of science.

**Keywords:** Paradigm. Science. Thomas Kuhn. Michel Foucault. Giorgio Agamben.

---

<sup>1</sup>Doutorando e mestre em Filosofia – PUCRS, bolsista CNPq. É membro dos grupos de pesquisa: *Ética, contemporaneidade e desconstrução – críticas filosóficas da violência* e *Lógicas de transformação: críticas da democracia*. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. E-mail: [epontel@hotmail.com](mailto:epontel@hotmail.com)

## **PARADIGMA: UM DIÁLOGO ENTRE THOMAS KUHN E MICHEL FOUCAULT NA PERSPECTIVA DE GIORGIO AGAMBEN**

Na obra *A estrutura das revoluções científicas*<sup>2</sup>, Thomas Kuhn desenvolve uma teoria sobre a natureza da ciência, entendendo-a como uma sucessão de períodos ligados à tradição, pontuados por períodos não lineares, não cumulativos e evolutivos, mas, justamente, por rupturas. Assim, a ciência se caracteriza enquanto ruptura e, por consequência disso, opera com a ideia de revolução científica.

A compreensão do termo revolução está estritamente ligada e em analogia com as revoluções que ocorrem no momento em que as possibilidades de resolução dos problemas se esgotam em um determinado paradigma. Frente a isso, se faz necessário a busca de meios externos, argumentos novos, distintos, em vista de dar conta da problemática em questão. Dessa forma, por meio destes argumentos e de meios externos é possível colocar em questão o próprio paradigma vigente e, no lugar deste, firmar-se-á um novo paradigma que responda de modo mais adequado às questões postas em jogo.

Nesse sentido, a compreensão de paradigma é de suma importância, pois esta noção possibilita o avanço da ciência, sobretudo na abordagem e resolução de quebra cabeças, o sistema de valores durante os períodos de crise, as dificuldades e etapas do período pré-paradigmático, as condições e urgências das resistências em diferentes grupos, o processo da construção do paradigma dominante e da estruturação do longo caminho para defendê-lo.

Assim, a passagem de um paradigma para outro se configura como revolução científica, que, conseqüentemente influi na mudança, na concepção de mundo. Esse processo que se desencadeia aponta para a superação de valores e do(s) próprio(s) paradigma(s) estabelecido(s) em vista de se chegar a uma concepção do real capaz de responder as problemáticas que emergiram no processo. Nesse sentido, Thomas Kuhn apresenta a revolução científica na perspectiva da mudança de um paradigma para outro, e isto ocorre a partir da crise em relação a determinado fenômeno, ou mesmo de fenômenos. Na compreensão do pensador a noção de paradigma é fundamental e ao mesmo tempo fundamento, entendido como um conjunto de

---

<sup>2</sup>KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*, 1998.

regras, suposições teóricas e técnicas de aplicação de leis que orienta as atividades dos envolvidos no processo da pesquisa, da comunidade científica.

Nessa perspectiva, nas palavras de Thomas Kuhn: “[...] considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”<sup>3</sup>. Nessa acepção,

[...] quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente<sup>4</sup>.

Conforme Thomas Kuhn, as revoluções científicas se iniciam a partir da crescente constatação, por boa parte da comunidade envolvida nas discussões, acerca da não resolução das problemáticas inerentes ao paradigma vigente. De um modo geral estas questões emergem na perspectiva de que o paradigma atual, ou então até o momento aceito, deixa de funcionar, explicitar, resolver adequadamente uma gama significativa de questões no que tange a exploração de determinados aspectos da natureza, cuja abordagem em um momento anterior se dirigiu na perspectiva do próprio paradigma vigente.

Dessa forma, no âmbito da ciência, a partir do momento em que o funcionamento de um paradigma se torna defeituoso ou aponta para desajustes, que pode emergir na crise, isto se torna um pré-requisito fundamental para a revolução que, coincide, justamente, com a mudança do paradigma em questão. É importante salientar, ainda, que a revolução, a mudança de paradigma não se dá em um processo cumulativo, isto é, a revolução científica na ciência se dá por meio de um esquema de cisão, de ruptura, não de acumulação, no qual uma ideia, a compreensão, ou mesmo a perspectiva é substituída totalmente por outra e não do processo cumulativo de um conjunto, ou do acúmulo de várias teorias.

Para que seja possível que ocorra a mudança, para que haja uma nova teoria e a mesma tenha sustentabilidade, também se faz necessário, é preciso muito mais do que novas descobertas. É imprescindível uma argumentação suficiente por parte

---

<sup>3</sup> KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, 1998, p. 13.

<sup>4</sup> KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, 1998, p. 145.

dos cientistas, dos sujeitos envolvidos/investigadores na sustentação, na defesa de tal posição, de modo que o grupo, ou mesmo quem defenda o paradigma anterior possa se convencer que a forma de exposição, o compreender e o tematizar as questões em suas respostas tendo por base a posição antiga, não dá conta, e isso remete à necessidade de haver mudança na forma de olhar os fenômenos e, assim, possa ser aceito o paradigma proposto. Nesse sentido, para Thomas Kuhn, “paradigma é o que os membros de uma comunidade científica compartilham e, reciprocamente, uma comunidade científica consiste em homens que compartilham um paradigma”<sup>5</sup>.

Segundo o pensador, se novas teorias são chamadas para resolver as anomalias presentes na relação entre uma teoria existente e a natureza, então a nova teoria bem sucedida, deve, em algum ponto, permitir previsões diferentes daquelas derivadas de sua predecessora. Dessa forma, essa diferença não poderia acontecer se as duas teorias fossem logicamente iguais. No processo de assimilação a nova teoria deve ocupar o lugar da anterior, e isso implica necessariamente em mudanças destrutivas, rompendo com crenças e valores, em vista de explicar os fenômenos, a natureza.

Outro aspecto relevante na formulação de um paradigma são os conceitos. Estes precisam passar por processos de permanentes mudanças, pois são estes que dão impactos e, ao mesmo tempo se tornam condição de possibilidade para novas teorias. Assim, a ciência, um novo paradigma emerge na medida em que surgem novas concepções, seja sobre o mundo, as formas de vida, os fenômenos que cercam a humanidade, etc. O conjunto dos conceitos se configuram como fontes de métodos, de abordagem de determinadas problemáticas, de padrões, de soluções que passam a ser aceitos por uma comunidade científica madura, em uma determinada época. Nessa compreensão conforme Thomas Kuhn, tanto o conhecimento científico como a linguagem são intrinsecamente propriedades comuns de um grupo e para entendê-los se faz necessário, também, conhecer as características essenciais do grupo que os criam e os utilizam.

Em suma, a concepção de paradigma indica uma constelação de crenças, de valores e de técnicas, que são partilhadas pelos membros de uma determinada

---

<sup>5</sup> KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, 1998, p. 31.

comunidade. Dessa forma, a descoberta científica tem início no momento da consciência da anomalia que permite o reconhecimento de que o paradigma vigente não dá conta, não atende mais as necessidades específicas de explicitar, de dar explicações acerca de uma série de questões, tanto de ordem teóricas, como metodológicas. Destarte, no âmbito do desenvolvimento de um paradigma, a anomalia aparece como condição, como um fenômeno que evoca crises, que prepara o caminho para a busca de uma nova teoria que possa atender aos problemas, as necessidades postas em questão.

Nesse sentido, são destacados três momentos importantes em vista de novas descobertas e do avanço da ciência, quais sejam: consciência prévia da anomalia; emergência gradual e simultânea de um reconhecimento tanto conceitual como de observação e, por fim, mudança de categoria e procedimentos paradigmáticos – com possível resistência; A partir do momento em que se troca o paradigma, também, por consequência, são substituídas suas bases, respostas, bem como alguns instrumentos e meios para solucioná-los.

Na obra *Signatura Rerum: sobre el método*<sup>6</sup>, Giorgio Agamben desenvolve três estudos focados na questão do método, como enuncia o próprio título, a saber: o conceito de paradigma, a teoria das signaturas e, por fim, a relação entre história e arqueologia, em um constante diálogo com a herança foucaultiana, da qual se diz herdeiro e seguidor, da qual parte para abordar estes temas. Ao iniciar a obra o pensador italiano situa a obra de Thomas Kuhn, *A estrutura das revoluções científicas* (1962), e o que este entende por paradigma científico, tendo em vista explicitar tal compreensão em Michel Foucault. Assim, mesmo que o pensador francês não tenha em si exposto em seu rol de obras o que entende por paradigma, segundo Dreyfus e Rabinow:

[...] parece claro que su trabajo sigue una orientación que pone en funcionamiento estas nociones [...] Su método consiste en describir los discursos como articulaciones históricas de un paradigma, y su modo de concebir el análisis implica que aísla y describe los paradigmas sociales y sus aplicaciones concretas” (DREYFUS; RABINOW apud AGAMBEN, 2010, p. 12-13)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010.

<sup>7</sup>DREYFUS; RABINOW. apud AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 12-13.

Conforme Giorgio Agamben, Michel Foucault teria sido leitor da admirável e decisiva obra de Thomas Kuhn, depois de publicar a obra *As palavras e as coisas*, de tal forma que não se refere de forma alguma ao pensador de *A estrutura das revoluções científicas* em suas investigações. Desse modo, o teórico francês parece distanciar-se desta compreensão, vejamos:

[...] ésta [la norma] no puede ser identificada con una estructura teórica o con un paradigma actual, dado que la verdad científica de hoy no es más que un episodio, o a lo sumo un término provisorio. No es apelando a una "ciencia normal" en el sentido de T.S. Kuhn como se puede volver al pasado y trazar eficazmente su historia, sino encontrando su proceso "normativo", del cual el saber actual no es más que un momento (Foucault 1994, II: 436-437)<sup>8</sup>

Dessa forma, se faz necessário, então, verificar se a analogia entre os dois métodos se refere a, de um modo mais preciso, problemas, estratégias e níveis de investigação diferentes, e se o *paradigma* da arqueologia<sup>9</sup> foucaultiana não é somente homônimo do que marca, em Thomas Kuhn, o fato próprio de produzir as revoluções científicas.

No entendimento do pensador italiano, Thomas Kuhn, usou o conceito de paradigma em dois sentidos. No primeiro – em que ele propõe substituir pelo termo *matriz disciplinar* – paradigma designa o que os membros de certa comunidade científica possuem em comum, quer dizer, o conjunto das técnicas, os modelos e os

---

<sup>8</sup>FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, apud AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 13.

<sup>9</sup>Na obra *As palavras e as coisas* o pensador francês precisa: "A arqueologia, essa, deve percorrer o acontecimento segundo sua disposição manifesta; ela dirá como as configurações próprias a cada positividade se modificaram (ela analisa por exemplo, para a gramática o desaparecimento do papel maior atribuído ao nome e a importância nova dos sistemas de flexão; ou ainda, a subordinação, no ser vivo, do caráter à função); ela analisa a alteração dos seres empíricos que povoam as positivities (a substituição do discurso pelas línguas, das riquezas pela produção); estudará o deslocamento das positivities umas em relação às outras [...] enfim e sobretudo, mostrará que o espaço geral do saber não é mais o das identidades e das diferenças, o das ordens não-quantitativas, ou de uma caracterização universal [...], mas um espaço feito de organizações, isto é, de relações internas entre elementos, cujo conjunto assegura uma função; mostrará que essas organizações são descontínuas, que não formam, pois, um quadro de simultaneidades em rupturas, mas que algumas são do mesmo nível enquanto outras traçam séries ou sequências lineares" In: FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, 1987, p. 232. Ainda, nesse âmbito, esclarece Pierre Billouet: "O conceito de *arqueologia*, [método utilizado pelo pensador francês], introduzindo inicialmente como um jogo de palavras, "a descrição do arquivo", será definido em relação a Kant, como "a história do que faz necessária uma certa forma de pensamento". Assim como Kant procurava descrever as estruturas a *priori* (independentes da experiência) do conhecimento científico e da ação moral ou política, Foucault procura rastrear o a *priori histórico* do saber e do poder" In: BILLOUET, Pierre. *Foucault*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 16-17.

valores que os membros da referida comunidade aderem, de forma mais ou menos consciente. O segundo sentido, determina o paradigma como um elemento singular, um conjunto que, servindo de exemplo comum, substitui as regras explícitas e permite definir uma tradição de investigação particular e coerente.

Assim, Thomas Kuhn examina através do paradigma o que torna possível a constituição da ciência normal, o que é capaz de determinar os problemas que a comunidade deve considerar científicos e, ao mesmo tempo, conseqüentemente, os que não devem ser assim vistos. Nesse sentido, ciência normal não significa uma ciência governada por um sistema preciso e coerente de regras. Ao contrário: “[...] si las reglas derivan, para Kuhn, de los paradigmas, éstos “pueden determinar la ciencia normal” incluso en ausencia de reglas (Kuhn.: 70). Éste es el segundo significado del concepto de paradigma, que Kuhn considera “el mas nuevo” y profundo (ibíd.: 226)”<sup>10</sup>.

Nessa acepção, trata-se de caracterizar o paradigma simplesmente como um exemplo, um caso singular que, através de sua repetitividade, adquire capacidade de modelar tacitamente o comportamento e as práticas de investigação dos cientistas. Assim, o império da regra, como cânon de cientificidade se substitui pelo do próprio paradigma. A lógica universal da lei, pela lógica específica e singular do exemplo. Destarte, quando um velho paradigma é substituído por outro novo, incompatível com este último, se produz, então, o que Thomas Kuhn define como revolução científica.

Em relação ao pensador francês, uma das direções mais constantes de suas abordagens teóricas em suas investigações é o abandono de uma concepção tradicional do poder, que se centrava sobre modelos jurídicos e institucionais e sobre categorias universais, por exemplo – direito, Estado, teoria da soberania – em vista de uma análise dos dispositivos<sup>11</sup> concretos através dos quais o poder penetra nos corpos mesmos dos súditos e governa as formas de vida. Nesse âmbito, Giorgio Agamben traça um paralelo, uma analogia entre as compreensões de paradigma em

---

<sup>10</sup>KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas *apud* AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 14.

<sup>11</sup>Giorgio Agamben define dispositivo, como “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, 2009, p. 40.

Michel Foucault com os paradigmas de matriz kuhniana. Conforme o pensador italiano parece haver, nesse sentido, uma possível analogia. Assim,

[...] como Kuhn deja de lado la individuación y el examen de las reglas que constituyen una ciencia normal para concentrarse en los paradigmas que determinan el comportamiento de los científicos, Foucault cuestiona el primado tradicional de los modelos jurídicos de la teoría del poder para hacer emerger en primer plano las múltiples disciplinas y las técnicas políticas a través de las cuales el Estado integra en su interior el cuidado de la vida de los individuos<sup>12</sup>.

Nessa acepção, se em Thomas Kuhn temos a separação da ciência normal do sistema de regras que a definem, em Michel Foucault, temos a distinção entre a normalização que caracteriza o poder disciplinar, da sistemática jurídica e os procedimentos legais. A proximidade entre os métodos inicialmente parece algo inegável e, justamente por isso soa estranho pelo fato de o pensador francês ter mantido silêncio a respeito da obra de Thomas Kuhn. Além disso, Giorgio Agamben destaca que na obra *As palavras e as coisas*, o pensador francês parece ter evitado deliberadamente o uso do termo *paradigma*. A razão para tal parece insinuar algo em âmbito pessoal, vejamos nas suas palavras: “[...] por lo tanto no he citado a Kuhn, sino al historiador de la ciencia que formó e inspiró su pensamiento: Georges Canguilhem” (FOUCAULT, 1994, II, p. 240)<sup>13</sup>.

A afirmação acima exposta indica algo surpreendente pelo fato de Thomas Kuhn ter declarado no prefácio de sua obra uma dívida com os epistemólogos franceses, Alexandre Koyré y Émile Meyerson, mas, no entanto, não referencia Georges Canguilhem. Em vista da estreita relação do pensador francês com Georges Canguilhem, o fato de não ter jamais citado e feito qualquer ordem de comentários sobre a obra de Thomas Kuhn, na compreensão do pensador italiano, insere-se no sentido de Michel Foucault devolver-lhe da mesma forma a sua descortesia com o pensador que havia sido a fonte e matriz central para o desenvolvimento de sua obra. Porém, mais além destas questões de ordem pessoal, está posta uma questão subjacente a isso, que indica o fato de o pensador francês ter evitado qualquer menção a obra do pensador norte-americano.

---

<sup>12</sup>AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 15.

<sup>13</sup>FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas apud* AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 16.

A situação acima referenciada, isto é, de não haver qualquer menção ao trabalho de Thomas Kuhn nas obras do pensador francês, na perspectiva exposta por Giorgio Agamben, se insere no sentido que aponta para um propósito bem delimitado e proposital, qual seja: em demarcar a diferença de sua abordagem e compreensão acerca da compreensão de paradigma em relação ao primeiro. Em entrevista datada de 1976, concedida a Alessandro Fontana e Pasquale Pasquino, em uma abordagem acerca da noção de descontinuidade, Foucault opõe explicitamente os *regimes discursivos* dos que se ocupam os paradigmas, vejamos nas palavras do pensador francês:

No es entonces un cambio de contenido (refutación de antiguos errores, descubrimiento de nuevas verdades), no es tampoco una alteración de la forma teórica (renovación del paradigma, modificaciones de los conjuntos sistemáticos); lo que está en cuestión es lo que *gobierna [régit]* los enunciados y el modo en que se *gobiernan [régissent]* los unos a los otros para constituir un conjunto de proposiciones científicamente aceptables y en consecuencia susceptibles de ser verificadas o invalidadas a través de procedimientos científicos. En suma, un problema de régimen [régime], de política del enunciado científico. En este nivel, no se trata de saber cuál es el poder que pesa desde el exterior sobre la ciencia, sino qué efectos de poder; y de qué modo y por qué, en ciertos momentos, éstos se modifican de una manera global (ibíd., III: 143-144)<sup>14</sup>.

Nesse sentido, em relação à compreensão de descontinuidade, assevera Edgardo Castro:

Introducir la categoría discontinuidad en la historia del saber implica, en cuanto ella es una operación deliberada del historiador, confrontarse con la historia trascendental de las ideas y las ciencias; en cuanto es un concepto metodológico, renunciar a las categorías provenientes de las ciencias humanas; y en cuanto resultado sutraerse al antropologismo moderno. En cuanto concepto metodológico, la discontinuidad nos obliga a abandonar las categorías provenientes de las ciencias *humanas (tradición, desarrollo, evolución, espíritu, obra, etc.)* que permitían descubrir, a pesar y más allá de las diversidades y de las diferencias, un desarrollo continuo, una historia sin interrupciones<sup>15</sup>.

Na obra *As palavras e as coisas* a distância entre o regime discursivo [fenômeno genuinamente político] e o paradigma [critério de verdade científica], parece ficar evidente quando o pensador francês afirma: “Lo que faltaba a mi trabajo

<sup>14</sup>FOUCAULT, Michel. Entrevista sobre descontinuidade *apud* AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 17.

<sup>15</sup>CASTRO, Edgardo. *Pensar a Foucault: interrogantes filosóficos de la arqueología del saber*, 1995, p. 26.

era este problema del régimen discursivo, de los efectos de poder propios del juego enunciativo. Los confundía mucho con la sistematicidad, la forma teórica o algo así como el paradigma (ibíd., III: 144)”<sup>16</sup>. Nesse âmbito, Michel Foucault opera um decisivo deslocamento da compreensão de paradigma, isto é, da epistemologia à política, sobre o plano de uma política, em relação aos enunciados e os regimes discursivos nos quais não se trata de uma alteração da forma teórica em si, mas de um regime interno do poder que determina o modo em que os enunciados se articulam e governam entre si, para constituir um conjunto. Conforme o pensador italiano, uma leitura atenta à obra *Arqueologia do saber*, mostra que o pensador francês, mesmo não nomeando de modo explícito, quer distinguir conscientemente o tema de suas investigações da exposição kuhniana.

As formações discursivas das que se ocupa não definem o estado dos conhecimentos em um determinado momento: não constitui o balanço do que, a partir de um momento, pode ser demonstrado e assumir o estatuto de aquisição definitiva; o que, no entanto, fosse aceito como prova, com demonstração suficiente, ou mesmo o que era admitido como crença comum ou mesmo, que fosse algo requerido pela imaginação. Assim, “Analizar las positivities significa mostrar según qué reglas una práctica discursiva puede formar grupos de objetos, conjuntos de enunciaciones, juegos de conceptos, series de elecciones teóricas (Foucault 1969: 236-237)”<sup>17</sup>.

Ao contrário do exposto por Thomas Kuhn, o pensador francês prefere descrever a compreensão de paradigma usando a definição - *figuras epistemológicas o umbrales de epistemológización*:

Vejamos:

Cuando, en el juego de una formación discursiva, un conjunto de enunciados se recorta, pretende hacer valer (incluso sin lograrlo) normas de verificación y de coherencia, y ejerce, con respecto al saber, una función dominante (de modelo, de crítica o de verificación) se dirá que la formación discursiva franquea un umbral de epistemológización. Cuando la figura

---

<sup>16</sup>FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas *apud* AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 18.

<sup>17</sup>FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber apud* AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 19

---

epistemológica así diseñada obedece a cierto número de criterios formales [...] (FOUCAULT 1969, p. 243-244)<sup>18</sup>.

Frente a isso, para Giorgio Agamben, a mudança terminológica não se dá somente em âmbito formal: nas premissas expostas na obra *Arqueologia do saber*, Michel Foucault move a tensão dos critérios que permitem a constituição de uma ciência normal com respeito aos sujeitos [os membros de uma comunidade científica] ao puro dar-se de *conjuntos de enunciados* e de *figuras*, independentemente de toda referência aos sujeitos *um conjunto de enunciados sobressai*, a figura assim delineada. E quando, a propósito dos diversos tipos de história das ciências, ao se definir o próprio conceito de episteme, não se trata, uma vez mais, de individualizar algo assim como uma visão de mundo ou uma estrutura de pensamento que impõe aos sujeitos normas e postulados comuns.

Episteme é, nesse sentido, “[...] el conjunto de las relaciones que pueden unir, en una época determinada, las prácticas discursivas que dan lugar a las figuras epistemológicas, a las ciencias y eventualmente a los sistemas formalizados” (ibíd.: 250)<sup>19</sup>. Portanto, esta não define como o paradigma na acepção kuhniana, o que se poderia saber em uma determinada época, senão que o que está implícito no fato que em certo discurso ou mesmo em certa figura epistemológica: “[...] en el enigma del discurso científico, lo que ésta [la episteme] pone en juego no es su derecho a ser una ciencia, sino el hecho de existir” (FOUCAULT, 2010, p. 20)<sup>20</sup>.

Conforme Giorgio Agamben, a obra *Arqueologia do saber*, tem sido lida no sentido de expressar quase que um manifesto do *descontinuismo* historiográfico. No entanto, para além desta definição - o certo é que na referida obra o pensador francês parece se interessar fundamentalmente em relação ao que permite constituir, apesar de tudo, contextos e conjuntos, a existência positiva de *figuras* e de *séries*. Porém, estes contextos se produzem segundo modelos epistemológicos totalmente peculiares, que não coincidem com os comumente admitidos na investigação histórica, e nem com a proposta de paradigmas kuhnianos. Assim, nas

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber apud AGAMBEN, Giorgio. Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 19.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber apud AGAMBEN, Giorgio. Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 20.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber apud AGAMBEN, Giorgio. Signatura Rerum: sobre el método*, 2010, p. 20.

sendas da exposição foucaultiana, o pensador italiano expõe sua proposição sobre paradigma.

Na obra *Signatura Rerum* o pensador italiano delinea o seu método e esclarece sua compreensão de paradigma que, a partir da construção teórica de Michel Foucault, pode ser entendida como de ambos. Dessa forma, para o pensador italiano “[...] el paradigma es un caso singular que se aísla do contexto del que forma parte sólo en la medida en que, exhibiendo su propia singularidad, vuelve inteligible un nuevo conjunto, cuya homogeneidad él mismo debe constituir”<sup>21</sup>.

Nesse âmbito, no que tange ao caráter empírico com que suas pesquisas equivocadamente são lidas, assevera:

En mis investigaciones he debido analizar figuras - el *horno sacer* y el musulmán, el estado de excepción y el campo de concentración - que son, ciertamente, aunque en diversa medida, fenómenos históricos positivos, pero que eran tratados en dichas investigaciones como paradigmas, cuya función era la de constituir y hacer inteligible la totalidad de un contexto histórico-problemático más vasto. Puesto que esto dio lugar a equívocos, en particular, entre aquellos que - con mayor o menor buena fe - creyeron que yo intentaba ofrecer tesis y reconstrucciones de carácter meramente historiográfico, será oportuno detenerse aquí en el sentido y en la función del uso de paradigmas en la filosofía y en las ciencias humanas<sup>22</sup>.

Em relação a compreensão de paradigma, prossegue e define as características que a definem, quais sejam:

El paradigma es una forma de conocimiento ni inductiva ni deductiva, sino analógica, que se mueve de la singularidad a la singularidad. 2) Neutralizando la dicotomía entre lo general y lo particular, sustituye la lógica dicotómica por un modelo analógico bipolar. 3) El caso paradigmático deviene tal suspendiendo y, a la vez, exponiendo su pertenencia al conjunto, de modo que ya no es posible separar en él ejemplaridad y singularidad. 4) El conjunto paradigmático no está jamás presupuesto a los paradigmas, sino que permanece imanente a ellos. 5) No hay, en el paradigma, un origen o una *arché*: todo fenómeno es el origen, toda imagen es arcaica. 6) La historicidad del paradigma no está en la diacronia ni en la sincronía, sino en un cruce entre ellas<sup>23</sup>.

Dessa forma, em relação às categorias que o pensador italiano emprega em sua teoria, na perspectiva de seu projeto filosófico, como *homo sacer*, *campo de concentração*, *Musulmann*, *estado de exceção*, não são meramente hipóteses

---

<sup>21</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 23.

<sup>22</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 11.

<sup>23</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 40-41.

através das quais se tenta explicar a modernidade, reconduzindo-a a algo como a uma causa ou uma origem histórica, mas “[...] Por el contrario, como su misma multiplicidad podría dejar entrever, se trata en todos los casos de paradigmas que tenían por objetivo hacer inteligible una serie de fenómenos cuyo parentesco se le había escapado o podía escapar a la mirada del historiador”<sup>24</sup>.

Enfim, as investigações desenvolvidas pelo pensador italiano na esteira do arcabouço teórico do pensador francês tem um caráter explicitamente arqueológico. Isso implica em que os fenômenos de que se ocupa e sob os quais se desenvolve tais estudos, requer uma atenção aos documentos, aos arquivos, em sentido diacrônico. Decorrente disso, a *arché* que estas alcançam não indica e diz respeito a uma origem pressuposta no tempo, senão que, se situa no cruzamento entre diacronia e sincronia. Destarte, “[...] la arqueología es siempre una paradigmología, y la capacidad de reconocer y articular paradigmas define el rango del investigador así como su habilidad para examinar los documentos de un archivo”<sup>25</sup>.

Em suma, a arqueologia filosófica, na perspectiva de uma leitura paradigmática, depende, em última análise, a possibilidade de produzir no interior do arquivo cronológico, *pontos de clivagem* que possam torná-los compreensíveis e legíveis ao investigador. A inteligibilidade acerca da compreensão dos paradigmas se refere a um caráter ontológico e não propriamente a uma relação cognitiva entre sujeito e objeto, mas, diz respeito ao ser. Nesse sentido, “[...] la ontología es, en este sentido, no un saber determinado, sino la arqueología de todo saber, que indaga las signaturas que competen a los entes por el hecho mismo de existir y los disponen de este modo a la interpretación de los saberes particulares”<sup>26</sup>. Isto é, há uma ontologia paradigmática implicada nisso em que uma arqueologia filosófica depende e remonta ao curso da história, para o curso desta história, usando uma imagem benjaminiana, a contrapelo<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 41.

<sup>25</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 41-42.

<sup>26</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 88.

<sup>27</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum*: sobre el método, 2010, p. 144. Cf.: BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura história e cultura. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232 [Obras escolhidas]. Nesse sentido, vale conferir: SOUZA, Ricardo Timm de. *Justiça em seus termos*: dignidade humana, dignidade do mundo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010; MATE, Reyes. *Meia-noite na história*: comentários às teses de Walter Benjamin “sobre o conceito de história”. Trad. Nélio Schneider, São Leopoldo, RS: Unisinos, 2011.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. **Signatura Rerum**: sobre el metodo. Trad. de Flavia Costa y Mercedes Ruviluso. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura história e cultura. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BILLOUET, Pierre. **Foucault**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CASTRO, Edgardo. **Pensar a Foucault**: interrogantes filosóficos de la arqueologia del saber. Buenos Aires: Biblos, 1995.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 4. ed. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

KUHN, S. Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. Trad. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MATE, Reyes. **Meia-noite na história**: comentários às teses de Walter Benjamin “sobre o conceito de história”. Trad. Nélio Schneider, São Leopoldo, RS: Unisinos, 2011.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. **Do fim da experiência ao fim do jurídico**: percurso de Giorgio Agamben. São Paulo: LiberArs, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Justiça em seus termos**: dignidade humana, dignidade do mundo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

**Artigo recebido em: 06/05/2014**

**Artigo aprovado em: 04/06/2014**